

**SESSÃO DE CONGREGAÇÃO,
DE 25 DE JULHO DE 1948,
EM HOMENAGEM AOS FUNDADORES DA FACULDADE**

Oração proferida pelo Diretor da Faculdade

Prof. Guerra Blessmann

Meio século — No perpassar contínuo dos anos, esta etapa, ainda insignificante na vida de uma escola superior, pois no mundo às centenas se contam as muito mais antigas, merece de nós, neste momento, a mais fervorosa das consagrações porque, no meio em que vivemos, em uma nação ainda jovem, indispensável se torna louvar, com o máximo entusiasmo, o gesto inesquecível e extraordinário, dos que, a 25 de julho de 1898, fundaram esta casa de ensino.

O meio em que nasceu, e as intenções que a ditaram, elevam muito alto, o idealismo sadio e bem orientado de seus egrégios fundadores.

Para traduzir os sentimentos que nesta ocasião espremem na alma de todos nós, só me restou ceder.

Vacilação ou renúncia da missão outorgada não acudiram a quem, no pôsto, tinha o dever da obediência.

Entretanto, hoje, na grandiosidade do ato, hesito ainda, no temor de não chegar a traduzir suficientemente os propósitos dos que puderam exigir. Temo que os seus pensamentos não tenham transfundido completamente em mim o ardoroso sentir de cada um, para poder com as suas melhores palavras, reproduzir fielmente a sinceridade de seus propósitos e tecer um hino grandiloquente, elevando a alcandorados e merecidos páramos, a ação dos que souberam com inexcedível dedicação e extremada fé, edificar a obra que hoje glorificamos. Os impulsos do desejo têm de lutar com o império das condições.

É de grande gala o dia que vivemos; voltados para o passado, é no perquirir os fatos, no desvendar atitudes, onde vamos encontrar os nossos precursores, sadia e honestamente lutando pela execução plena da magnífica e grandiosa obra, que naquela época talvez apenas lhes era dado vislumbrar.

Depois de cinquenta anos, apresentamos a vós, orgulhosos de vossas vitórias, onde reconhecemos a atividade sem par e a ener-

gia indomável com que souberam galhardamente vencer.

É com ufania que vos faremos acompanhar a trajetória dos trabalhos que empreenderam, fazendo-vos conhecer alguns dos dados históricos que indelevelmente gravados assinalam o prólogo do ensino médico no Rio Grande do Sul, antes de findar o primeiro decênio da República.

Resumo histórico no Brasil — Antes do século XIX, a medicina no Brasil era exercida por alguns “cirurgiões-barbeiros” que aqui chegaram com os donatários das capitânicas e muito ansiavam por voltar ao Reino, pelos irmãos enfermeiros e por muito poucos físicos e cirurgiões que vieram, os primeiros, com D. Duarte da Costa e Mem de Sá.

A profissão não permitia grandes lucros e os licenciados mal chegavam a obter o necessário para sua manutenção, enquanto os outros emigrados adquiriam fortuna e também a honraria de cargos públicos, que eram vedados àqueles por serem considerados cristãos novos, meio-cristãos, pertencentes à infecta nação.

Proliferaram assim os barbeiros e curandeiros.

O progresso da medicina impulsionado por grande número de descobertas verificadas ao meio do século XVIII, refletiu-se no Brasil e desta época em diante conta-se a chegada de profissionais mais habilitados, especialmente alguns portugueses e poucos brasileiros formados pela Escola de Edimburgo, naquele tempo o mais famoso centro científico da Europa, cujo desenvolvimento estava em franco contraste com o das escolas da península.

Em fins do século XVIII e começo do século XIX se a qualidade havia melhorado, a quantidade de profissionais ainda era escassa. Se ainda pequeno era o amanhã da terra, muito menor era o cultivo do espírito.

Muito poucos eram os sinais de cultura em terra brasileira. O vice-rei D. Luiz de

Vasconcellos funda a Casa da História Natural, por assim dizer o primeiro estabelecimento de ensino no Brasil, e consegue o édito real, autorizando a ida a Coimbra de quatro estudantes brasileiros, sendo que dois dêles deviam estudar matemática, um medicina e um cirurgia.

Ao comêço do século XIX inicia-se no Brasil o desenvolvimento do ensino, especialmente do ensino médico. Escapando às hostes napoleônicas de Junot, D. João VI transporta-se cautelosamente ao Brasil. Aporta à cidade do Salvador e em 18 de fevereiro de 1808, antes de completar um mês de sua chegada, graças a decidida influência de um lente jubilado de Coimbra que o acompanhava, cria-se na Baía de Todos os Santos a primeira escola cirúrgica. Até 1815 êste curso foi lecionado por dois professôres e era de quatro anos a sua duração.

Transporta-se D. João VI para o Rio de Janeiro e nessa cidade, também antes de um mês de seu desembarque, funda a Escola Anatómica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro, sendo nomeado, a 2 de abril de 1808, o primeiro lente de Anatomia, Joaquim da Rocha Mazarem.

Nos anos sucessivos nomeou outros lentes e criou novas cadeiras em ambas as escolas. Em 1.º de abril de 1813 por proposta do Dr. Manoel Luiz Álvares de Carvalho, diretor dos estudos médicos cirúrgicos da Côrte e do Estado do Brasil, desde 1812, modifica o curso da Escola da Baía, moldando-o pelo então estabelecido para a Escola de Cirurgia do Rio de Janeiro; ambas passaram a se chamar Academias de Cirurgia. As aulas da Baía e do Rio de Janeiro, até então dadas no Hospital Militar, são transferidas para o da Santa Casa de Misericórdia, a seriação é elevada para cinco anos e um professor é encarregado de cada ano. Só podem conceder os títulos de "cirurgião aprovado" e "cirurgião formado", êste último obtido após repetição dos quarto e quinto anos. Estas escolas não podiam dar o título de médico que continuava privilégio de Coimbra, por falta de melhores professôres e pouca extensão dos cursos, conforme se dizia.

Os diplomados para habilitação ao exercício da profissão deviam ainda ter a aprovação e licença do Cirurgião-Mor do Reino. Os formados no Brasil só podiam exercer a função de médicos, onde êstes não existiam; fora disto tinham o papel de enfermeiros, aplicavam bichas, ventosas, tratavam feridas, fra-

turas, contusões; era-lhes vedado administrar medicamentos, tratar moléstias internas, função unicamente reservada aos médicos.

Chega o ano de 1822, funda-se a nacionalidade brasileira e com D. Pedro I surge também, em 1823, a Assembléia Constituinte e esta, talvez como reação ao absolutismo de então, resolvia que todo o cidadão estava apto para abrir escolas de instrução, independentemente de exame, licença ou autorização. Procurou-se corrigir o desleixo, pela intemperança de excessos que só vieram denunciar o irrefletido do ato. José Veríssimo julga que esta liberdade que daí por diante foi grande pelo Brasil afora, firmou suas raízes, em nosso insignificante zêlo e empenho pelo ensino.

Em 9 de setembro de 1826, D. Pedro I promulga um decreto, revogando tôdas as disposições vigentes e estabelecendo que as Escolas da Baía e Rio de Janeiro, por seus diretores, expessam diretamente as "cartas" que autorizam os "cirurgiões aprovados" a exercerem a cirurgia e aos "cirurgiões formados" exercerem a cirurgia e medicina. Era assim concedida a máxima prerrogativa que até então havia sido negada às Escolas brasileiras.

Um rio-grandense eminente e ilustre, Manoel de Araujo Pôrto Alegre, Barão de Santo Ângelo, traduziu em preciosa obra de arte e de história, hoje conservada no salão nobre da Faculdade Nacional de Medicina, e mandada executar, como sinal de regozijo, pela turma de doutorandos de 1830, o momento da entrega dêste decreto pelo Imperador, acompanhado pelo conselheiro José Fernandes Pinheiro, Visconde de São Leopoldo, ao diretor Vicente Navarro de Andrade, acompanhado de toda a Congregação.

A execução dêste decreto estava a exigir uma reforma e enquanto no Parlamento, Lino Coutinho e na imprensa Soares de Meirelles se degladiavam, o Dr. José Martins da Cruz Jobim, formula sua reorganização dos estudos médicos criando doze cadeiras.

O Govêrno ouve as Sociedades de Medicina, as Academias passam a se denominar Faculdades e são criadas quatorze cátedras com quatorze professôres e seis substitutos, o curso médico vai a seis anos e o de farmácia a três.

Para matrícula passam a ser exigidos os seguintes preparatórios: Latim, Francês, Inglês, Filosofia, Aritmética e Geometria, no curso médico, menos Latim e Filosofia para os farmacêuticos.

O título de doutor era dado mediante defesa de tese. Em 28 de abril de 1854 nova reforma pelo Ministro do Império, Luiz Pedreira do Couto Ferraz, Barão do Bom Retiro, traz vantajosa modificação, determinando a instalação de laboratórios, gabinetes, maternidade, anfiteatro e dando a administração da escola, ao Diretor e à Congregação de Lentes.

Em 19 de abril de 1879, volta o Governo pelo decreto n. 7247, a reformar o ensino. O gabinete, então do Partido Liberal, presidido por Sinimbu, tinha na pasta do Império, a cujo cargo estavam os negócios da instrução, o prof. Carlos Leôncio de Carvalho. No seu artigo 1.º é declarado livre o ensino primário e secundário na Côrte, e o superior em todo o Império, salvo a inspeção necessária para garantir as condições da moralidade e higiene. Além disto é permitida a associação de particulares para a fundação de cursos onde se ensinasse as matérias de qualquer curso oficial de ensino superior, comprometendo-se o Governo a não intervir na organização. As instituições deste gênero, acrescentava o decreto, com funcionamento regular durante sete anos consecutivos, tendo dado o grau acadêmico a pelo menos quarenta alunos, poderão obter do Governo o título de Faculdades Livres com todos os privilégios e garantias de que gozam as faculdades ou escolas oficiais. A concessão ficaria dependendo de autorização do Poder Legislativo. Vários regulamentos, avisos e instruções daí por diante determinaram diversas modificações sem maior importância e em 25 de outubro de 1884, foram reorganizadas as Faculdades de Medicina do Império, por nova lei elaborada segundo plano da autoria do Visconde de Sabóia, eminente professor do Rio de Janeiro, que já fôra colaborador da reforma Leôncio de Carvalho.

Assim em 77 anos do Império realizaram-se cinco principais reformas de ensino no Brasil, não levando a conta, decretos, portarias e avisos que também freqüentemente vinham alterar disposições expressas.

Quando surgiu a República estava em vigor a reforma Sabóia. Nos últimos anos do Império, desde a apresentação da reforma de 1879, muito se falara em liberdade de ensino, e os inextinguíveis pareceres de Ruy Barbosa, apresentados à Comissão da Instrução Pública da Câmara em 1882, assinalam exuberantemente quanto pretendiam influir na organização do ensino do Brasil os adeptos da doutrina positivista.

Com o advento da República, onde muitos de seus eminentes propagandistas eram extremados partidários desta doutrina, não foi estranhável que ressurgissem com mais impetuosidade as lutas pela implantação, nas novas constituições, dos princípios que tão calorosamente defendiam.

No decurso do VI ano da República operou-se a criação da Escola Livre de Farmácia de Porto Alegre e a do curso de Partos, e dois anos mais tarde a da Faculdade de Medicina.

A transformação política que se dera no País a despeito das lutas internas a que não escapou o Rio Grande do Sul, os novos programas constitucionais do Estado e da República, estabelecidos por uma predominante elite cultural que, sem dúvida, fôra formada no Império, graças ao forte prestígio dado por D. Pedro II às letras e às ciências, e talvez, em relação ao nosso Estado, também uma atitude reacional contra a interpretação dada a alguns dos dispositivos constitucionais que definiam liberdade profissional e liberdade de ensino, tiveram o mérito indiscutível de congregar o espírito sadio e construtor de homens do Rio Grande para a fundação de suas escolas superiores.

Alfredo Leal em seu relatório sobre a escola de Farmácia lido em 25 de julho de 1898, dizia ter julgado necessário dar matrículas gratuitas porque facilitava aos estudantes pobres o ensino de uma profissão modesta mas honrada, opondo assim um obstáculo à liberdade profissional.

A liberdade de ensino já havia sido estabelecida pela reforma de Leôncio de Carvalho, dez anos antes da República, mas lá estava estipulado que uma fiscalização se impunha para manter as condições de moralidade e higiene.

Assim, sob os auspícios de leis que revigoravam, na parte do ensino, disposições herdadas do Império, a Sociedade "União Farmacêutica" fundada em Porto Alegre cinco anos após a proclamação da República, para tratar de todos os interesses profissionais, comerciais e científicos da classe farmacêutica, inscrevia ainda entre os seus fins a fundação de um curso livre de Farmácia, com programa de ensino moderno e de acôrdo com as necessidades atuais da profissão, ou fazer propaganda na imprensa e junto aos poderes públicos para o estabelecimento de um curso superior de Farmácia nesta Capital, ouvindo

para êste fim uma comissão de profissionais, quanto às matérias dêsse curso. Além disto, pleiteava a Sociedade, ingresso de profissionais farmacêuticos na Inspetoria de Higiene do Estado, em organização, com o direito de voto sôbre assunto de sua profissão.

Faziam parte da Sociedade os farmacêuticos Alfredo Leal, Arlindo Caminha, Francisco de Carvalho Freitas, João Daudt F.^o, Olímpio Guimarães, Manoel da Silva Pereira, Christiano Fischer, João Landell Moura, Edmundo Landell de Moura, e Francisco Rocha.

Em 16 de setembro de 1894, foi instalada em Porto Alegre a Sociedade "União Farmacêutica" cuja primeira diretoria ficou constituída por A. Valença Appel (presidente), João Batista Ervedoza (vice-presidente), Arlindo Caminha e Alfredo Leal (secretário), João Daudt F.^o (tesoureiro) e Alfredo Galbano (diretor da revista).

Êste grupo de farmacêuticos, ciente e consciente da falta de profissionais habilitados para o exercício da profissão, empenhava-se pela fundação de uma nova escola de farmácia, a primeira que no Brasil devia ser instalada, quando apenas existiam os cursos anexos nas Faculdades de Medicina da Baía e do Rio de Janeiro.

Mais ou menos na mesma época — outro grupo, êste de médicos, — verificando cotidianamente os prejuízos decorrentes da falta de profissionais habilitados para o exercício da enfermagem obstétrica, como testemunhas oculares que eram dos prejuízos inúmeros, a que também não escapavam mesmo os de muitas vidas destruídas, como resultado único do atraso em que se encontravam, as comadres ou aparadeiras, com o auxílio do Hospital da Santa Casa de Misericórdia, logo posta a disposição por seu ilustre provedor Cel. Antonio Soares de Barcelos, resolve fundar um Curso de Partos; Protásio Alves, Dioclécio Pereira, Sebastião Leão e Carlos Nabuco tomam e levam avante a iniciativa.

A Sociedade "União Farmacêutica" não descarta de sua idéia e a procura de casa para instalar a Escola recebe a comunicação, em 17 de fevereiro de 1895, do Sr. Dr. Inspetor da Instrução Pública de que pode dispor de algumas salas do edifício da Escola Normal (hoje Repartição Central de Polícia), para nelas instalar a Escola de Farmácia.

Em 1896, após ouvido o presidente do Estado, Dr. Júlio de Castilhos, no dia 28

de abril, são aprovados os Estatutos da nova Escola Livre de Farmácia e Química Industrial, subscritos por Alfredo Leal, diretor, e Francisco de Carvalho Freitas, secretário.

Os cursos de Farmácia e Química Industrial são realizados em três séries a saber: Curso de Farmácia — 1.^a série: Física Experimental e Química Mineral e princípios de Mineralogia; 2.^a série — Botânica e Zoologia, Química Biológica e Microscopia e Química Orgânica; 3.^a série: Matéria Médica e Terapêutica, Química Analítica e Toxicológica e Farmácia Teórica e Prática. O curso de Química Industrial também em 3 séries tem as seguintes disciplinas: 1.^a série: Física Experimental e Química Mineral e princípios de Mineralogia; 2.^a série: Botânica e Zoologia, Química Orgânica e Mineralogia; 3.^a série: Química Analítica, Química Agrícola e Química Industrial.

Estipulam os Estatutos o preenchimento das cátedras vagas por concurso de provas a saber: uma prova escrita, uma prova prática e uma preleção oral de improviso e uma prova oral, seguida de arguição. Os lugares de substitutos e preparadores, também serão providos por concurso. No regime escolar é estabelecida a frequência obrigatória nos exercícios práticos perdendo o ano o aluno que der 10 faltas não abonadas ou 40 justificadas. O aproveitamento dos alunos é verificado em cada disciplina por exames constantes de prova escrita, oral e prática.

Progride a Escola de Farmácia e em 15 de fevereiro de 1897, especialmente convidada para uma sessão de Congregação, a Sociedade "União Farmacêutica", representada pelo sr. Arlindo Caminha que se congratula com a Congregação pela realidade da Escola recém-fundada, declara-a emancipada em nome da Sociedade, e convida o diretor a receber do tesoureiro da União o saldo da Escola. Neste mesmo dia o diretor, ao declarar instalados os trabalhos da Escola, faz o elogio da Sociedade "União Farmacêutica", narra as providências preliminares, inclusive o pedido feito para a Europa de aparelhos que já se encontram nos respectivos laboratórios, e faz um apêlo de honra a seus colegas presentes e ausentes para que aquêles que não puderem ou não quiserem desempenhar as suas funções como lentes façam pronta declaração.

Apesar da carta de alforria que concedera à Escola, a Sociedade não se desinteressa dela

e em março de 1897, solicita a nomeação de uma comissão de professores para auxiliá-la na realização de uma quermesse que está promovendo em benefício da Biblioteca da Escola.

Em maio de 1898 faz doação de cento e quarenta volumes para a biblioteca. Em 20 de julho de 1898 o Dr. Protásio Alves, diretor do Curso de Partos, propõe para em ação conjunta fundarem a Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre.

Em seu relatório em 25 de julho de 1898 Alfredo Leal declara que partindo dêle a lembrança da união que hoje selaremos propõe as bases da mesma. Após longa discussão da proposta: "sem que em seu procedimento se possa ver o menor indício de desconfiança, de desânimo, de receio de que naufrague a idéia para cuja corporificação nos unimos... com a convicção profunda que ela em breve será triunfante", declara que fica convocada uma reunião da Congregação da Escola de Farmácia com os membros do Curso de Partos, para, em sessão de segunda-feira, 25 de julho, às 7 horas da noite, tratar da fundação da Faculdade de Medicina, sendo que a atual diretoria da Escola de Farmácia resignará ao ser eleita a diretoria da Faculdade.

Desta forma chegamos àquela segunda-feira memorável, 25 de julho de 1898, quando às 19 horas reunidos os Lentes da Escola de Farmácia e do Curso de Partos, ficou fundada a Faculdade de Medicina e Farmácia de Pôrto Alegre, marco inicial do desenvolvimento da cultura médica neste extremo do Brasil e a primeira Faculdade livre de Medicina do País.

A reunião realizou-se na secretaria da Escola de Farmácia, no antigo edifício da Escola Normal, sendo eleita a primeira diretoria que ficou composta de Protásio Alves, diretor, e Alfredo Leal, vice-diretor.

Protásio convida imediatamente Carvalho Freitas para continuar como secretário e nomeia Sebastião Leão para como secretário-geral atender mais particularmente a propaganda da nascente instituição. Segundo a ata, compareceram a esta reunião: Alfredo Leal, Arlindo Caminha, Carvalho Freitas, Silva Pereira, Christiano Fischer, Dr. Dioclécio Pereira, Dr. Dias Campos, Dr. Diogo Ferraz, Francisco Rocha, João Daudt F.^o, Dr. Protásio Alves, Dr. Sebastião Leão, Dr. Serapião Marriante e Dr. Carlos Nabuco.

Em regozijo pela deliberação tomada, em 26 de julho de 1898, os alunos da Escola de

Farmácia em marcha com "fogos de Bengala" comparecem às residências dos professores Alfredo Leal e Protásio Alves a fim de junto ao primeiro manifestarem seu elevado aprêço pelo muito que se tem esforçado pelo levantamento e progresso da Escola e junto ao segundo para manifestarem sua grande simpatia pelo muito que se tem empenhado para levar avante a idéia da instituição aqui da Faculdade de Medicina.

Na residência do primeiro falou o acadêmico Cecílio Monza e na do segundo o acadêmico Luiz Henrique de Souza Lobo, os dois estudantes do primeiro ano da Escola de Farmácia. Em ambas residências convidados a entrar, os alunos confraternizaram com aqueles professores e demais colegas que os acompanharam.

Na mesma noite a Sociedade "União Farmacêutica" foi cumprimentar Alfredo Leal pelos inúmeros e ingentes esforços até então dispendidos.

Em 22 de agosto de 1898 o Dr. Júlio Prates de Castilho, então chefe do Partido Republicano, respondendo à comunicação que lhe fôra feita da fundação da Faculdade de Medicina e Farmácia, considera esta fundação não somente mais uma vitória do ensino livre, mas também uma irrefragável ratificação de um dos eminentes e substanciosos princípios em que se esteou o código constitucional rio-grandense em longa carta onde alude a separação que julga indispensável entre o poder temporal e o espiritual, depois de esclarecer e defender exaustivamente o ponto de vista da filosofia positivista em relação ao ensino superior e termina assegurando "que não era mister invocardes o meu débil apoio moral pois que bem sabeis que nunca me esquivo ao serviço do Rio Grande do Sul e da República pelos exíguos meios ao meu alcance. Diminuto ou nulo é o valimento de minha cooperação individual. Todavia, a Escola de Medicina e Farmácia pode sempre dispor do meu humilde concurso".

Ao revermos hoje os dados históricos desta casa, não podemos deixar de homenagear o vulto ilustre do emérito rio-grandense que assim se expressava. Se como político ao calor das paixões, seu valimento pode ser negado por alguns, se como adepto de uma doutrina, suas opiniões podem ser discutidas por muitos, devemos nós altamente reverenciar sua memória pela inesquecível atuação que

teve nos primórdios da organização desta Faculdade.

Quando de seu falecimento, em 1903, Nogueira Flôres propõe à Congregação um voto de pesar como homenagem àquele emérito estadista. Nesta ocasião Carvalho Freitas, manifestando sua solidariedade declara, que o faz, como um dos fundadores da Escola de Farmácia porque foi testemunha ocular dos importantes serviços prestados pelo extinto em prol da primeira Escola Livre do Rio Grande do Sul, quiçá, do Brasil inteiro. Além dos esforços e abnegação empregados pelos fundadores, Alfredo Leal, Christiano Fischer e outros, é incontestável que se não fôsse a profícua cooperação moral e material de Júlio de Castilhos, já cedendo parte do edifício da Escola Normal, livre de ônus, para o funcionamento da Escola, já pondo a disposição o seu laboratório de Química e o gabinete de Física, etc., já mandando entregar a verba de vinte contos de réis com o fim da Escola criar um laboratório de análises, à disposição do Estado, quando poderia tê-la negado, as condições atuais não existiriam. Declara ainda que, acentuando os inestimáveis serviços prestados por Júlio de Castilhos, não o faz por lisonja, pois foi seu adversário político, mas não pode deixar de pôr em evidência a influência benéfica que êle sempre dispensou ao progresso intelectual do Rio Grande do Sul. Protásio Alves ao escrever o relatório, apresentado em 1905, refere-se a Júlio de Castilhos, nos seguintes termos: "Júlio de Castilhos que foi incontestavelmente a alma do Rio Grande, desde a proclamação da República, que bafejou a todos os seus melhoramentos materiais, foi o anjo tutelar que sôbre a Faculdade pairou. Êle acompanhava a sua evolução *pari-passu*, interessava-se até pela frequência diária das aulas, que conhecia minuciosamente, e quando qualquer dificuldade surgia, o seu auxílio não se fazia esperar. Eu não poderia deixar de aqui arquivar o tributo de veneração à sua memória tão merecidamente conquistada".

O resto do ano de 1898 passa-se em intenso trabalho de organização, são discutidos os Estatutos e são elaborados os programas para os cursos que vão ser iniciados no período letivo de 1899.

Logo que foi conhecida a notícia da fundação da Faculdade de Medicina, o cirurgião dentista Henrique Riedel em carta, lida em reunião de Congregação de 30 de setembro de 1898, sugere a idéia, logo aceita, da cria-

ção de um curso de Odontologia, oferecendo seus préstimos.

Resolvida a fundação, não só Riedel mas também os cirurgiões dentistas Frutuoso Fontoura Trindade e José Paranhos, com grande dedicação contribuíram para desenvolvimento dêste curso.

Os Estatutos vêm a ser aprovados em ata subscrita pelos Professôres: Protásio Alves, diretor, Francisco de Carvalho Freitas, secretário, Eduardo Sarmento Leite da Fonseca, Diogo Martins Ferraz, Arthur Franco de Souza, João Dias Campos, José Virgínio Martins, Tristão Tôrres, Serapião Mariante, Manoel Gonçalves Carneiro, Olímpio Olinto de Oliveira, Francisco Freire de Figueiredo, Ricardo Pereira Machado, todos do Curso de Medicina, Arlindo Caminha, Manoel da Silva Pereira e Alfredo Leal, do curso de Farmácia.

Os nomes ilustres que acabo de ler estão a despertar naqueles que há vários anos aqui mourejam a lembrança viva e inapagável da atividade construtiva de cada um, do esforço que despenderam para conquistar palmo a palmo o terreno ainda agreste pelo incompreensão, má vontade e descrença de muitos. Todos souberam manter em suas cátedras o elevado sentido de dignidade que o ensino superior requer, nunca deixaram de compreender a elevada função do magistério.

Em 15 de março de 1899, foram inaugurados oficialmente os cursos da Faculdade.

Estabelecia o Estatuto de 1899: "Há na Faculdade cinco cursos: o de Medicina, em 7 séries; o de Farmácia, em 3; o de Odontologia, em 2; o de Partos, em 2; e o de Química Industrial, em 3 séries".

É interessante assinalar que, ao fazerem o currículo dos cursos, os fundadores, no de Medicina, já inscreviam como cátedras, Química Biológica, Patologia Geral, Clínica Psiquiátrica, quando só muitos anos após, as duas primeiras vieram a ser incluídas nas faculdades federais e a última pôde ser lecionada como cadeira autônoma independente de Clínica Neurológica. Do mesmo modo o curso de Medicina era feito em sete anos, sendo a última série destinada exclusivamente ao ensino de clínicas.

O corpo docente era constituído pelos professores catedráticos, 14 professores substitutos e 11 preparadores. A Congregação composta dos catedráticos e substitutos em exercício tomava tôdas as medidas a bem do ensino e da administração da Faculdade.

Os cargos de catedráticos e substitutos eram vitalícios. Os concursos eram feitos para substitutos e constavam de teses e dissertação, prova escrita, preleção e prova prática. Os cargos de preparadores e auxiliares de ensino eram preenchidos por concursos que constavam de prova escrita, prova oral com arguição e prova prática.

Os alunos aprovados em tôdas as disciplinas do curso Médico eram obrigados à defesa de tese, a fim de poderem colar grau. Para matrícula no curso Médico eram exigidos os seguintes preparatórios: Português, Francês, Inglês ou Alemão, Latim, História, Geografia, Aritmética e Álgebra, Geometria e Trigonometria, Física, Química e História Natural.

No curso de Farmácia ou no de Química Industrial, eram dispensados Latim, Inglês ou Alemão e História.

No curso de Odontologia ou no de Partos: Português, Francês ou Inglês, Alemão ou Italiano, Aritmética até proporções inclusive, Geometria plana, e elementos de Física e Química. Contou a Faculdade desde seu início com o auxílio imprescindível da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, que pôs suas enfermarias à disposição do ensino. Neste momento também devemos prestar nossa homenagem aos dirigentes de então daquela instituição de caridade que bem souberam compreender o elevado valor da grandiosa iniciativa.

Estabeleceram êles um imutável e excelente padrão das nossas mútuas relações.

Desde aquela época até hoje, só temos a louvar os seus sucessores e colaboradores, pela bem compreendida cooperação em prol dos nossos comuns interesses.

Sem qualquer contrato, a não ser a compreensão de deveres e necessidades de cada um, as administrações da Santa Casa e da Faculdade têm marchado irmanadas neste meio-século de existência.

Da mesma forma desde o começo contou a Faculdade com a colaboração dos recursos do Hospital São Pedro, que com o mesmo espírito, vem, através do tempo, dando a esta Casa a sua inteira cooperação, pelo que neste dia a tôdas as suas administrações rendemos o nosso preito de homenagem.

Durante o ano de 1899 estêve em funcionamento o primeiro ano de medicina com sete alunos matriculados e seis ouvintes, que foram: Pedro Alexandrino Borba, Antônio Car-

los Penafiel, Luiz José Guedes, Mário de Castro Pinheiro Bitencourt, Amaro Lisboa de Souza, Estácio J. Pacheco e Ursolina L. Tôres, e Lauro Rafael de Azambuja, Thomaz Cirne Collares, Júlio C. N. de Souza, Fábio N. Barros, Catarino Azambuja e Umbelino C. de Barros.

Como eram idênticas as disciplinas do primeiro ano do curso médico e do curso de farmácia, alunos dêste último requereram matrícula no 2.^o de medicina. Eram os srs. Eduardo J. Moura F.^o, Eugênio J. F. Batista, José Luiz Ferreira, Antonio Correia de Mello e João Landell de Moura.

Leccionaram as disciplinas da 1.^a série médica: Diogo Ferraz, substituído em seu impedimento por João Dias Campos (Física), José Virgínio Martins (Química Mineral e princípios de Mineralogia), e Manoel da Silva Pereira (Botânica e Zoologia).

A segunda série foi lecionada por Christiano Fischer (Química Orgânica), Manoel Gonçalves Carneiro (Bacteriologia), Eduardo Sarmiento Leite da Fonseca (Anatomia Descritiva), e Ricardo Pereira Machado (Histologia).

Ao fim do ano letivo, dos treze alunos da primeira série, estavam habilitados à matrícula na 2.^a série, sete alunos. Em 19 de setembro de 1899 requereu a Faculdade ao Exmo. Sr. Ministro do Interior, o seu reconhecimento, tendo sido nomeado em data de 16 de outubro o primeiro fiscal, o Dr. Balduino Athanásio do Nascimento, que logo realizou sua primeira visita.

Enviado ao Sr. Ministro, o relatório do fiscal, em data de 9 de dezembro do mesmo ano, S. Excia. comunica por ofício n. 1512 que não pode reconhecer a Faculdade por divergirem os seus programas dos das Faculdades congêneres da República.

Ciente a Congregação dêste despacho, foi unanimemente resolvido não ser feita alteração no programa. Segundo a discussão havida, verifica-se que era opinião da maioria ser a diferença do programa, de menos importância, havendo maior embaraço em relação às divergências entre os Estatutos da Faculdade e a lei do ensino. Procurava-se manter os Estatutos. Assim esta sessão é concluída com a proposta de que deviam ser mantidos Estatutos e programa, devendo a Congregação dirigir-se ao Poder Legislativo por meio de circunstanciado memorial que deveria ser apresentado ao Congresso pelos representantes do Rio Grande do Sul.

Alfredo Leal, fundador e ex-diretor da Escola de Farmácia e fundador e vice-diretor da Faculdade de Medicina, em nobre gesto, que bem demonstra a grande elevação com que eram encarados os problemas do ensino, declara que êle e seus companheiros estão prontos a renunciar seus cargos uma vez que para a obtenção do reconhecimento as disposições legais o exijam.

Não trepidaram aquêles idealistas no sacrifício de seus títulos desde que o ideal supremo, acalentado com desmesurada fé, viesse a ser obtido.

Em sessão de 20 de fevereiro de 1900 a pedido do diretor Protásio Alves, a Congregação, também atendendo a uma petição dos alunos, resolve reexaminar o assunto e aceita a exigência do Governo Federal, apenas por três votos contra (Olinto, Leal e Dias Campos).

Procede-se, então, a uma reforma dos Estatutos; Protásio Alves em seu relatório de 1905, referindo-se a êste assunto tão oportuno, recorda quanto entre reformas e mais reformas temos vivido até hoje, ainda a espera de uma bem compreendida e salvadora autonomia didática, e diz textualmente: "Acompanhando desde 1870 a história do ensino superior em nosso País, tenho observado que as suas reformas têm sido, em regra, feitas por Ministros ao impossarem-se dos cargos, inspirados por novéis diretores de Faculdades; de sorte que, sem prática, com o sentimento de apenas não ser bom o que temos, vai-se ao estrangeiro buscar o que lá existe no regulamento das escolas, para, sem consideração do meio, aqui se aplicar. Foram por exemplo se criando clínicas especiais na Europa para aproveitar no ensino competências extraordinárias; entre nós, sem as competências extraordinárias, são criadas as especialidades, sobrecarregando-se o orçamento e tempo com prejuízo do ensino".

A reforma com intuito da obtenção do reconhecimento foi aprovada. A Congregação para não suprimir cadeiras que julgava indispensáveis manteve-as, tanto quanto permitia a redução para seis anos, e assinalou que elas só seriam de freqüência.

Continuou a Faculdade a progredir e logo ao início do ano de 1900, aumentando o número de alunos, sobrevivendo a necessidade de fazer funcionar novas séries, e não podendo o salas da Escola Normal, em abril e junho de Governo do Estado ceder maior número de

1900, a Faculdade adquiriu os prédios da antiga travessa 2 de Fevereiro, n.º 32 e o da General Vitorino, n.º 55. Para fazer as reformas necessárias à sua adaptação, o benemérito secretário da Faculdade, prof. Carvalho Freitas, muito se esforçou em obter recursos.

O edifício hoje extinto à av. 10 de Novembro, onde está atualmente instalada a Escola de Odontologia, só foi ultimado em outubro de 1904, em substituição ao primeiro prédio adquirido, na então travessa 2 de fevereiro.

Em 1.º de setembro de 1900 é a Faculdade de Medicina e Farmácia de Pôrto Alegre, equiparada às congêneres federais. Assim colhiam seus fundadores os primeiros louros quando por êste ato demonstraram suas intenções, plenamente esteadas na honestidade de suas atitudes.

Daí por diante a Faculdade, apesar de ter sofrido duros reveses, onde sua existência poderia ter periclitado, graças a um pugilo de denodados batalhadores, cujo esforço e abnegação devem ser analisados detidamente e em outro momento, a histórica evolução da Faculdade, soube realçar ainda mais a obra de seus eméritos fundadores.

Desde que empreenderam a construção da obra que com carinhosa e desvelada atenção mereceu todos os seus cuidados, souberam trabalhar e lutar, obviando obstáculos, colhendo os desenganos como incentivo para maiores esforços.

Foi a custa de desmedida perseverança, sem esmorecimentos, sempre com os olhos fitos no ideal que tinham, desprendidos, sem qualquer preocupação de recompensas materiais, com prejuízo de seus próprios interesses particulares, que souberam e puderam vencer a batalha em que se tinham empenhado.

Maiores são ainda os galardões que devem revestir suas personalidades, quando nos ocorre que coube a êles desbravar a estrada ainda agreste da época e do meio em que viveram.

Honra excelsa ao mérito e dedicação dos fundadores das Escolas de Medicina, Farmácia e Odontologia!

Em nome da Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre, dirijo-me a vós, senhores professores fundadores, para apresentar-vos as grandes homenagens de nossa admiração: à memória dos que daqui partiram, o nosso profundo respeito e grande veneração. Consu-

mastes gloriosamente os vossos propósitos. À Faculdade, entre os erros e acertos que possam ser apontados em sua existência, hoje afirmados por enorme saldo dos últimos sôbre os primeiros, soube continuar sua marcha ascendente porque sempre orientou seus passos no rigor nos métodos, na perfeição das bases e na moralidade de sua vida interna, obedientes que todos fomos, aos ditames de vossa orientação inicial.

Aos que por ela passaram, atingindo ulteriormente sua cátedra, aos que foram vossos substitutos, hoje professores eméritos, honorários e aposentados e já não nos acompanham nos lazeres diários em que nos empenhámos, nosso abraço pela saudade que aqui deixaram, o agradecimento pelo que fizeram em prol da obra que criastes, procurando mantê-la com a elevada dignidade que honra os vossos nomes e a esta Casa.

A vossa obra manteve-se e progrediu porque eram sadios os princípios que as nortearam, porque era segura a fé dos que estabeleceram seus alicerces, porque os seus propósitos eram honestos e bem dirigidos.

Assim chegamos até aqui, e num ponderado equilíbrio do meio-térmo, sem pessimismos que só podem significar cegueira desmedida, sem otimismo ofuscantes, mas com os olhos abertos à verdade, muito devemos reconhecer pelos serviços prestados nestes cinqüenta anos decorridos.

Mais de dois mil profissionais saídos desta Escola, passaram a exercer suas profissões, quer nas grandes cidades, quer nas pequenas aldeias, quer nos mais afastados rincões de nossa Pátria.

Foi o grande cometimento concretizado na ata de 25 de julho de 1898, que trouxe para o Brasil o início do desenvolvimento dos cursos superiores de medicina em nosso imenso território e deu ao Rio Grande do Sul a honra de ter fundado a primeira escola médica livre, como já tivera a de ter estabelecido a primeira escola de farmácia.

A Faculdade de Pôrto Alegre, há cinqüenta anos foi a terceira escola médica a ser fundada no Brasil.

O fogo sagrado acendido naquela noite por tão belos espíritos, foi, através dos tempos, zelosamente guardado pelos que nesta casa vieram trabalhar, e em um revezamento contínuo vem sendo transferido a todos os que hoje muito se orgulham com os grandes feitos de seus antecessores.

A obra que aí está vai continuar; no passado só estímulo devemos encontrar para desenvolver o grandioso plano arquitetado. Professores e alunos precisam, com o reconhecido espírito que os anima, respeitar a tradição, demisecular, desta Escola; aquêles continuando a honrar sua alta função, êstes demonstrando sempre o entusiasmo e o culto do estudo.

É por isso que não podereis permitir, meus prezados colegas e meus jovens discípulos, ao saídes dêste recinto, que a meras palavras se resuma a nossa comemoração.

Elevemos pelo estudo e pela pesquisa esta Faculdade ao ascendente que devemos aspirar, lutemos para que à vitória desta primeira etapa, já coberta de louros, outros muitos se acrescentem na trajetória sem fim que tem de percorrer.

Com entusiasmo nos vossos trabalhos e nas vossas meditações, nos dias felizes e nos momentos de desenganos, recordai sempre as dedicações sem limites dos nossos antepassados, relembrai os denodados esforços dos que guiaram os primeiros passos de nossa instituição, atentai para o santo entusiasmo que os inspirou, conduzindo-os por vêzes a renúncia e ao sacrifício e então unidos e coesos honraremos todos os feitos magníficos de nossos fundadores, levando avante resolutamente o ideal que os norteou, fazendo desta Faculdade uma perene fonte de florescimento intelectual, de trabalho consciencioso e honesto em prol do desenvolvimento do ensino e da ciência médica do nosso Estado, para maior grandeza desta Casa e honra da Pátria.

Discurso do acadêmico Antônio Carapeto Fernandes

Neste dia festivo em que se comemora o cinquentenário de fundação da nossa Faculdade, ao assomar a esta tribuna, para dela alçar a voz, numa palavra de homenagem aos seus fundadores, e num preito de louvor aos que os seguiram até nossos dias, sinto-me tomar de um sentimento de indecisão. — Natural seria, Senhores, que um outro colega mais capacitado falasse hoje neste augusto recinto em nome dos alunos desta Faculdade.

No entanto, incumbido desta missão pela gentileza dos colegas de Diretório do Centro Acadêmico que tenho a honra de presidir, eis-me aqui, embora sem a intenção de produzir página literária à altura dos feitos que hoje se memoram, na esperança de traduzir em palavras simples o pulsar, o sentir e o amar dos acadêmicos que aqui estudam nos dias que vão correndo.

Cinquenta anos são passados!

Meio-século de existência conta hoje nossa Escola, todo êle dedicado à causa do saber, à sublime causa do ensino da Medicina — em sua função de arte como em seus desígnios de ciência —, à lição dignificante de como mitigar as dores e diminuir os sofrimentos da humanidade combatida!

Cinquenta anos são passados, Senhores! E no cumprimento da missão a que nos propomos: numa homenagem cultuar a memória dos fundadores da nossa querida Faculdade, voltemos as nossas vistas para dias que já vão longe; fugindo à vida do momento presente, nela entremos pela porta de um passado que de nós se distanciou cinquenta anos!

O Rio Grande mal havia emergido de mais uma revolução. Uma luta fratricida, sangrenta e cruel, enchera de sangue e de lágrimas as coxilhas verdejantes do pampa altaneiro! Nos lares, cheios de tristeza e de saudades, ainda era bem viva, com certeza, a lembrança do fumo e do crepe que enlutara as famílias!

Cinco anos somente haviam decorrido desde o fim da revolução; e foi nesse clima de insegurança, toldado ainda pelas nuvens negras de um passado muito próximo, que germinou e foi se arraigando a semente que se havia de tornar a árvore gigante, a idéia que uma plêiade de intemperatos nutria no íntimo dos seus corações e acalentava com o fogo de um entusiasmo criador.

Havia sido fundado em 1897 pelos espíritos idealistas de Protásio Alves, Deoclécio Pereira e Sebasitão Leão, o Curso de Partos, funcionando na Santa Casa de Misericórdia.

A Escola de Farmácia que fôra fundada no ano anterior, contando a promissora frequência de 35 alunos, continuava normalmente os seus cursos; e em 1898 era comprovada a sua proficiência com os brilhantes resultados dos exames finais.

E êsse ano de 1898, Senhores, iria marcar época na vida do Rio Grande.

De fato a 25 de julho, tendo em vista o aproveitamento dos alunos da novel Escola de Farmácia, a existência do Curso de Partos, considerando que o Hospital da Santa Casa de Misericórdia era ótimo campo de observação, e levando em conta que em nosso meio havia médicos de indiscutível competência e que por certo seriam bons professores, um grupo de entusiastas se reunia e nesse mesmo dia era assinada a Ata de Fundação da Faculdade Livre de Medicina e Farmácia de Porto Alegre.

Eram êles: Alfredo Leal, Arlindo Caminha, Francisco Freitas, Manoel da Silva Pereira, Cristiano Fischer, Deoclécio Pereira, João Dias de Campos, Diogo Ferraz, Protásio Alves, Sebastião Leão, Serapião Mariante, Carlos Nabuco, Francisco Assis e João Daudt Filho.

Êsses e todos os que se ofereceram a lecionar no ano de 1899 — primeiro de funcionamento da nossa Faculdade, — foram os seus fundadores.

Honra ao mérito neste dia festivo, Senhores!

Estava concluído o primeiro passo na consecução do tão nobre objetivo visado: dotar o Rio Grande da sua Faculdade de Medicina!

Já agora o sul iria ombrear com o norte; não podia ficar atrás e já não o ficava nessa arrancada em busca da ciência; Rio, Baía, e agora o Rio Grande!

Honras ao mérito de tão destemidos iniciadores!

A tarefa árdua a que tinham se proposto, ia sendo executada; o ideal começava a ser realidade.

Os primeiros passos eram dados, e com êles as posições se iam consolidando; a idéia,

que a princípio méro sonho, já agora calando fundo no espírito de outros abnegados que se juntavam aos primeiros, tomava vulto, ia engrandecendo!

Assim que a 15 de março de 1899, a Faculdade Livre de Medicina e Farmácia de Porto Alegre, tendo a frente as figuras eminentes de Protásio Alves, Alfredo Leal e Carvalho Freitas, respectivamente como Diretor, Vice-Diretor e Secretário, abria pela primeira vez as suas portas a um punhado de sequiosos em busca da ciência e da arte de Hipócrates.

Da mesma Ciência e da mesma arte que tornaram imortais Pasteur, Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, um Bernardo Houssay, que nos honra com sua presença e tantos outros; e que iria em nosso próprio meio consagrar à admiração e à veneração do Brasil, para orgulho e gaudio do Rio Grande, nomes como os de Protásio Alves, Ramiro Barcellos, Annes Dias e um Sarmento Leite, para não citar outros tantos, Srs.

— As aulas, dizia o sandoso Prof. Mário Totta — que fez parte da primeira turma formada pela nossa Faculdade, — começaram como começam nas criaturas os primeiros passos, tímidos e hesitantes, cai aqui levanta acolá. E em pouco iniciou-se a corrida porfiada e ofegante entre mestres e alunos a disputarem em trabalho extremo o maior quinhão no acêrto do ensinar e no garbo do aprender.

E assim, como em tôda a marcha evolutiva, caminhando para um progresso, a nossa Faculdade foi paulatinamente tornando-se maior; e hoje ela se ergue, suntuária como um verdadeiro templo, imponente e majestosa, cumprindo a sagrada missão que lhe é confiada.

E no engrandecimento da nossa Escola, refulge nessa fase de sua vida, que foi a consolidação na marcha evolutiva, a figura ímpar de batalhador incansável, de lutador infatigável, dêste que foi um esteio de progresso no passado e que é um exemplo e um símbolo para nós no presente: Eduardo Sarmento Leite da Fonseca!

Nós todos estudantes, quando transpusemos pela primeira vez os umbrais austeros desta querida Faculdade, logo divisamos ali ao cimo daquela marmórea escadaria, o busto venerando de Sarmento Leite.

Os primeiros dias, cheios de surpresas e de encantamentos, vão passando, e então,

vão sendo nos contadas belas histórias de idealismo, lindas páginas de amor ao trabalho. Incessante e exaustivo trabalho, em momentos os mais difíceis da vida da nossa Escola, e sem outra qualquer remuneração que não fôsse aquêlê que lhe dava o próprio prazer de vê-la erguida.

Sarmento Leite deixou-nos lições que jamais esqueceremos; histórias que jamais nos hão de sair da mente, êsses feitos desinteressados e cheios de brio, hão de guiar os nossos passos nos caminhos incertos da futura carreira.

E a mocidade desta casa, reunida sob a égide tutelar de Sarmento Leite, hoje como ontem e como amanhã há de ser, também, vanguardeira em memoráveis campanhas, nobres e dignificantes, neste dia de cinquentenário da nossa Escola, consagrado aos que tudo por ela fizeram, vibre de sadio entusiasmo, como vibram conosco os prezados professôres que aqui labutam e como havia de vibrar nos arroubos do seu entusiasmo, se estivesse entre nós, aquêlê que hoje é o patrono do nosso Centro Acadêmico: Sarmento Leite. Aquêlê que junto com as lições de Medicina, dava aos estudantes tão soberbas aulas do mais puro idealismo, do mais sã coleguismo, do verdadeiro espírito Universitário.

E nós, estudantes desta Faculdade, que tanto devemos à Sarmento Leite, curvamo-nos hoje numa reverência à sua memória.

“Os homens passam e as instituições ficam”, disse êle um dia, e êste pensamento foi a norma de sua vida. Contemplemos a beleza desta frase, nós diríamos hoje, olhando para a instituição que permaneceu depois do homem que passou: Sim, as instituições ficam, ficam para contar às gerações posteriores, da grandeza, da elevação e do desprendimento daqueles que passaram.

E a nossa Faculdade, aqui está hoje impávida, perpetuando na sua suntuosidade magnífica a memória dos que a fundaram e daqueles que vindos depois, à ela têm dedicado os seus melhores esforços no sentido de seu engrandecimento até os nossos dias.

A êstes a nossa homenagem.

A árvore foi crescendo e chegou até nós tal como ela é hoje.

Mas senhores, a tarefa ainda não está concluída. Dia virá com certeza, num futuro que praza aos Céus não esteja distante, em que olhando para a nossa Faculdade havemos de vê-la mais imponente ainda. Havemos de vê-

ia ativa e orgulhosa de um magnífico Hospital de Clínicas, soberba e satisfeita com o modelar Instituto de Tisiologia.

Essas como outras aspirações, justas aspirações de estudantes e professores; reivindicações lícitas como outras tantas que virão beneficiar o ensino e a Ciência do nosso meio, havemos de vê-las um dia tornadas realidades.

Salta-nos neste instante à mente aquela passagem bíblica dos Israelitas a reconstruírem o Templo de Jerusalém. — Cada operário, diz a Escritura, com uma das mãos fazia a obra, e com a outra empunhava o gládio, pois lá havia samaritanos que embora confessando a crença em Deus, procuravam por todos os modos obstar que se levantassem as paredes do Templo. E nós um dia havemos de nos lembrar e será sem saudades, que no erguimento de tais Templos destinados à Ciência e à caridade Cristã, também houve Samaritanos entre os que construíram a Obra.

Senhor Diretor, senhores professores.

E' para vós que, neste instante, os estudantes dirigem a sua palavra. E' também uma palavra simples e desprovida de brilhantismo, mas cheia de sinceridade. Os nossos reconhecimentos por tudo quanto fazeis pela nossa Faculdade que também é vossa, e pelo nosso aprimoramento intelectual.

Desde os dias incertos de sua fundação, os mestres desta Escola têm-na feito sempre maior. Sob a profícua e eficiente direção do professor Guerra Blessmann, segue ela hoje na senda que o futuro lhe delineou.

E' sobretudo espelhado nos vossos exemplos, que nós forjamos a nossa mentalidade.

Sempre que nas nossas realizações de estudantes, sempre que nos nossos empreendimentos universitários, podemos contar com o apoio ou a colaboração de nossos professores, é com o maior júbilo e prazer que os recebemos entre nós.

A nossa saudação, pois, para vós Senhor Diretor e Senhores Professores, mestres de hoje, neste dia de festa.

Hoje comemoramos o primeiro cinquentenário da Faculdade de Medicina de Porto Alegre.

E' decorrido meio-século, desde que aquele pugilo de idealistas, verdadeiros paladinos de uma brilhante causa, apunham a sua assinatura à ata de fundação de nossa Escola. E' decorrido meio-século, todo êle vivido de páginas brilhantes.

E é pleno de um passado de lutas e de vitórias que êste cenáculo da Ciência se enche de gala ao memorar esta data histórica: 25 de julho.

Disse uma vez o nosso grande Rui Barbosa: "Homens existem que plantam pés de couve para o prato de amanhã, e nisto se resume sua vida; outros, contrariamente, semeiam carvalhos para o abrigo futuro".

E' sobretudo para os plantadores de carvalhos como êste, para êsses que no passado semearam esta árvore frondosa a cuja sombra acolhedora e amiga nós vimos procurar o pão do saber, que nós rendemos hoje a nossa homenagem, num preito de louvor da geração moça que por aqui passa no momento presente e que não esquece, e, que não poderia esquecer, os que tudo fizeram no passado pela nossa querida Faculdade,

*Discurso pronunciado pelo Dr. José de Nazareth Teixeira Dias,
em nome do Exmo. Sr. Ministro*

“O Ministro Clemente Mariani, ocasionalmente impedido de comparecer a esta solenidade pelos motivos de saúde indicados na carta que enviou ao professor Guerra Blesmann e sabedor dos laços de estima que me ligam a esta Faculdade, conferiu-me o privilégio de representá-lo nas solenidades comemorativas do cinquentenário desta casa de ensino.

Associa-se S. Excia. às expressões de saudade pelos mestres e funcionários que deram o melhor de seu esforço à Faculdade e já foram levados do nosso convívio. Envia S. Excia. calorosos cumprimentos ao Diretor, ao Corpo Docente, e aos funcionários da Faculdade por motivo do jubiloso evento; e congratula-se com o Corpo Discente, representado pelo Centro Acadêmico Sarmento Leite, que congrega os que acorrem a esta casa de ciência com o propósito de se armarem para a grande batalha que é a luta pela saúde e assistência social do povo brasileiro.

Sabe o Ministério da Educação e Saúde que a Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre não repousará sobre os louros conquistados, pois o saber e a ciência são aspectos eminentemente dinâmicos da vida humana, e, como ontem nos advertiam o eminente professor e

homem público Dr. Raul Pilla e o sábio professor Bernardo Houssay, as responsabilidades dos mestres e dos cientistas são cada vez mais pesadas.

Espera o Ministro Clemente Mariani poder coordenar de uma vez todos os esforços para que a grande aspiração da Faculdade se torne uma realidade: — o Hospital de Clínicas, marco inicial do Centro Médico que, estou certo, há de erguer-se nos terrenos que para esse fim já foram reservados.

Mas, meus senhores, se a instalação e a construção do Hospital de Clínicas, e as obras que seguirem, vão satisfazer velha aspiração da Faculdade, tudo isso representa novos encargos e responsabilidades para a administração, os professores e os funcionários.

Espera o Ministério da Educação e Saúde que essas novas e difíceis tarefas sejam enfrentadas com aquêle mesmo espírito que levou os pioneiros de 1898 a conceber esta grandiosa obra e os seus continuadores a consolidá-la.

E assim a Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre continuará sua missão altamente patriótica, de trabalhar pelo ensino, pela ciência, enfim, pelo progresso da civilização brasileira.”

—) o (—

Oração do prof. Raimundo Gonçalves Vianna

De quantas missões e encargos se me têm deparado na vida pública, no já longo transcurso de minha atividade clínica e nos altos postos do magistério superior, nenhum me poderia ser tão grato e tão honroso, como êste de representar, nesta hora e nesta casa, o insigne professor Olinto de Oliveira.

Seu discípulo há quase quatro décadas e, hoje depois seu amigo devotado, seu admirador entusiasta, seu filho espiritual e seu quase confidente, nas horas boas e más, bem me convenci, na vigência constante de uma afeição leal, que se tem nutrido de recíprocas dedicações, das peregrinas virtudes moraes e dos altos predicados de espírito e de coração, que fizeram, do egrégio professor rio-grandense, o modelo vivo e constante que, de longe e a custo tenho procurado imitar, para a glória da minha consciência de médico, de professor e cidadão.

Olinto de Oliveira foi para mim, desde bem cedo, um autêntico valor humano, um exemplar em que, fascinada, se inspirou a minha juventude, no turbilhão de uma vida, na qual penetrei pelos seus desertos.

Educado no *ancien regime*, no espírito romântico de um lar austero de trabalho e de nobres atividades nos domínios da formação moral, trouxe êle para o ninho adorado das suas mais íntimas afeições românticas, o sagrado ideal da família, a cujos ternos e suaves estímulos, sem demora se haveria de tornar, o festejado clínico, o sumo professor, o pediatra eminente, o cidadão modelar, uma legítima expressão da inteligência e da cultura brasileira.

De que outra maneira me poderia eu exprimir, para pôr-lhe de manifesto a vida e a obra construtiva, paciente e tenaz, senão dizendo que êle foi, aos meus olhos e à minha

admiração pasmada, e ainda agora o é, a figura autêntica de um filósofo, de um sábio e de um artista.

Um grande homem, na imaginosa expressão de Carlyle, é como uma centelha que, riscando o espaço, baixa fulgurante sobre a massa amorfa dos outros homens. Inerte e impenetrável, fria e insensível, súbito essa massa que parecia indiferente a todos os estímulos, inflama-se e deflagra-se ao contato incandescente, como se inflama e detona, tocada do combustível, a matéria comburente.

No livro em que desdobra a doutrina do culto dos heróis, sintetiza o filósofo inglês, todas as crenças e aspirações da humanidade ingênua e inconsciente.

Na generalização de profundo pensador a que me estou referindo, cuja doutrina me encanta menos pelo seu valor doutrinário do que pelas elegantes originalidades da sua forma, não coube, todavia, a figura dêsse outro herói, mais ignorado por menos evidente, que é o professor!

Entanto, onde mais desprendido heroísmo?

Herói o professor porque, toda inteira a sua vida, se empenhou em desvendar êsse segredo famoso, que, para Goethe, é o "segrêdo aberto"; aberto a todos e, não obstante, só por um adivinhado, e herói ainda o mestre porque, dono de tal segredo, que é a própria ciência, não o guardou àvaramente, como o sábio egoísta, na imprestabilidade do seu gabinete sombrio, antes com largas mãos o revelou, superiormente indiscreto, a legiões de discípulos.

Eis porque, no culto do magistério, deve residir a religião dos que aprendem.

Por isso também, aqui se encontram, nessa evocação do passado, o discípulo e o mestre.

O discípulo, profundamente saudoso, reverente e grato, a exaltar os grandes professores, em cujo magistério humanístico e superior, formou o seu espírito e organizou a sua cultura científica.

O mestre, Olinto de Oliveira, a voz do passado, a brindar-nos com os primores de sua mensagem a esta Faculdade, uma tocante lição de cultura, de amor e de fraternidade humana.

Presente em espírito e coração a esta cerimônia, em que comemora uma data histórica na vida mental do Rio Grande, eu creio que aos maduros e aos velhos, ela será muito mais sensível que ao coração, e à inteligência dos moços, inexperientes ainda.

E' que as gerações modernas, iludidas por uma civilização de empréstimo e arrebatadas

pelo tufão revolucionário da técnica, abandonam a lição da História, que nos faz contemporâneos de todas as épocas, e zombam assim do passado, renunciando a todas as tradições, mesmo as da cultura, fascinadas pelas maravilhas dos engenhos e da motorização dos laboratórios. E a tal ponto, que eu não saberia avaliar a quanto montam hoje os que conhecem a história da civilização, das artes e das ciências, as puras fontes do pensamento universal, onde Spengler, filósofo dos modernos, foi buscar Heráclito, para tema de sua tese de doutoramento, lamentando com Pasteur, e Claude Bernard, os mestres da ciência experimental, a sorte dessas almas mesquinhas, que não compreendem que as Pátrias não vivem através das Idades, senão pelo gênio e valor de algumas razões de seus eleitos.

Senhores.

Quando lá na formosa Atenas, que foi a luz mediterrânea a iluminar o berço das civilizações modernas e onde reside, perene, a memória da antiguidade clássica, a progênie dos helenos evocava, nos estádios olímpicos, os deuses mitológicos da Grécia, era para a inspirada celebração de um culto dos seus heróis, glorificando-lhes a grandeza de seus feitos ilustres e a bravura indômita de seus ímpetos guerreiros.

Então, e nesse dia, o ritual da cerimônia, reverente e sagrada, com a assistência das multidões absortas em muda contemplação, tinha, como oficiantes, os brados do povo, que ao toque da mais sentida admiração, iam acordar, nos seus próprios sudários de mármore, as gerações heróicas que ouviriam no silêncio das eras perdidas.

Era a primeira luminosa lição, legada, pelo mundo antigo, ao outro que iria despontar, sob as santas inspirações do cristianismo.

Foram-se assim educando, os povos e as nações, no culto religioso do passado, não obstante êstes quase vinte séculos de civilização e de cultura, dos quais haurimos a tradição, que nos manda reverenciar, nas gerações sepultadas na história, todos os seus erros e desastres, as suas lutas e os seus anseios, os seus triunfos e as suas glórias!

Inspirados nessa remotíssima tradição, estivemos hoje, em visita de profunda reverência, na colina sagrada, onde dormem, na paz divina da morte, os fundadores dêste já famoso instituto de cultura superior.

E do influxo dessa mesma saudade, o grande professor Olinto vos envia esta homenagem.

Mensagem do prof. honorário Olinto de Oliveira

Srs.

Faz poucos dias aconteceu um caso análogo ao que me traz, em espírito, à vossa companhia sempre tão prezada.

O Instituto Rio-Grandense de Belas Artes completava o 40.^o aniversário de sua fundação, e ia comemorar solenemente a data. E sua digna Diretoria, atenta à circunstância de estar ainda vivo o principal fundador da instituição, convidou-o amavelmente a ir participar das festas da comemoração. Motivos óbvios impediram o convocado de corresponder à gentileza, que procurou entretanto retribuir com uma despreziosa mensagem na qual, recapitulando em breves traços um esboço histórico da evolução da cultura espiritual no Rio Grande do Sul, exaltou o papel das belas artes como o termo final, o coroamento, daquele impulso que, partindo das cogitações exclusivamente utilitárias, eleva-se gradualmente às de ordem superior, e através do aperfeiçoamento dos meios de expressão, conduzem o espírito à abstração filosófica e ao culto da beleza.

Mal se haviam aquietado os ecos daquele acontecimento, e sou surpreendido por outro convite, que não poderia deixar de ser profundamente grato ao meu espírito e ao meu coração. Numa carta cheia de expressões de sincero afeto e de saudade, o meu antigo discípulo, hoje médico dos mais ilustres, e brilhante ornamento da Faculdade de Medicina de Porto Alegre e seu digno Diretor, o professor Guerra Blessmann convida-me a assistir às comemorações do 50.^o aniversário da fundação da Faculdade, a que me prendeu tão vivas e gratas recordações! O meu ímpeto de acudir ao aliciente chamado, dissipou-o imediatamente a dura realidade. As condições do momento mal me permitiam derrear em algumas páginas as recordações palpitantes que se precipitavam tumultuariamente, ressuscitando um dos períodos de mais ardorosa atividade, zêlo, entusiasmo e devotamento da minha vida profissional! Eu quereria dizer-vos o quanto me comoveu, nestas distâncias de lugar e tempo, a viva invocação dessa quadra em que, aos encargos árduos do prático, juntavam-se as obrigações do professor, duplicando-lhes a um e outro as responsabilidades da consciência que os compelia ao aprimoramento incessante dos

seus recursos profissionais e dos seus cabedais da arte e da ciência, tão difíceis quanto sedutoras.

Dominado por um pendor inato para ensinar, que desde muito cedo encaminhou-me para o magistério, e atraído pela grandeza e a generosidade da profissão de médico, foi para mim uma oportunidade feliz o ingresso no corpo docente da jovem Faculdade, verde ainda, embora, e vacilante, mas talvez por isso mesmo, capaz de fascinar o espírito aventureiro de um neófito que se entusiasmava com as glórias do professorado, e as honras que iriam repercutir sobre a condição menos brilhante do simples prático.

Não se veja no calor destas expressões de entusiasmo juvenil pela cátedra o intuito de conferir aos que a conquistam uma superioridade intrínseca e decisiva sobre os que se restringem ao exercício exclusivo da medicina prática. Tal superioridade só poderia consistir na obrigação e na oportunidade de mais aprofundados estudos, o que está ao alcance de todo estudioso. Não se trata de privilégio ou prerrogativa especial. E não raro meros práticos se avantajam em conhecimentos a certos mestres cuja fama reside mais na própria convicção ou nas suas atitudes empinadas.

Ainda mais, por maior que seja para o médico a exigência do saber, o domínio seguro da técnica da sua arte, ele não será um verdadeiro médico se lhe faltarem certas qualidades de outra alçada, as que suscitam na pragmática da lei moral.

Já a Hipócrates não escaparam êsses requisitos, e seu caráter impreterível, em meio a uma civilização tão diversa da nossa, o que lhes impõe o cunho da universalidade, ou melhor, de essencialidade e conferem à nossa profissão certos foros de nobreza de que não se revestem tantas outras, mesmo entre as mais dignas e elevadas.

O tema é vasto e empolgante, e a sua discussão seria inesgotável. Permita-se-me mostrar, com um ou dois exemplos, que o culto exclusivo da técnica não é toda a Medicina.

Nunca pude rememorar sem a mais profunda emoção, uma rápida cena em que foi ator principal o célebre Professor Potain, o velho clíptico francês dos mais famosos do meu

tempo. Alto, magro, feio, de olhos vesgos, a modéstia e a doçura em pessoa. Chegava êle ao hospital para dar a sua aula. Os alunos rodeavam já o leito em que gemia ansioso um pobre velho, assunto da lição do dia. Ao acercar-se do doente, num olhar compreendeu a situação que já esperava. Despediu os alunos, pôs o avental, e sentando-se à beira da cama, passou o braço em torno do doente ofegante, procurando consolá-lo, enquanto lhe ia descobrindo o peito, onde um enorme aneurisma aórtico parecia prestes a arrebentar. Mandou que lhe trouxessem ataduras que começou a aplicar pacientemente em torno do tórax do velho, enquanto o animava sorrindo e conversando. Mas de súbito, num violento acesso de tosse, golfando sangue aos borbotões, o doente sucumbiu agarrando-se ao médico e inundando-o de sangue. O processo de conter aneurismas com ataduras foi ingênuo, quase ridículo, e nada tem de técnica científica. Mas cada vez que rememoro esta cena, cai-me a alma de joelhos diante da figura dêste grande médico; e se me afigura que uma auréola de luz pairava em torno dêle como as que os pintores delineam por sobre as suas figuras de santos.

Outro caso. Contava-se outrora, em nossos pagos, de um modesto médico de campanha, de nome Moraes, que certa noite, num rancho de sapé, conseguiu restituir à vida uma criança asfixiada pelo crupe, abrindo-lhe a traquéia com um bisturi e uma tesourinha comum, únicos instrumentos de que dispunha no momento. Um técnico rigoroso iria buscar a 1 ou 2 léguas os seus instrumentos, que chegariam provavelmente tarde. O processo do prático da roça seria censurável, e talvez de consequências pouco satisfatórias. Mas a criança foi restituída viva aos braços de uma pobre mãe desesperada. E acredito que naquela noite pairou por sobre um certo rancho das coxilhas aquela auréola luminosa que consagra os lances heróicos ainda que obscuros, em que a consciência do médico se sobrepõe à sua ciência, dominando-a, para poder cumprir o seu dever, que, em última essência, cabe em três palavras: salvar vidas, mitigar sofrimentos, consolar desesperados.

Casos como êsses reproduzem-se por toda parte, diàriamente aos milhares, para honra da classe, ficando porém quase sempre ignora-

dos, porque os que os praticam evitam a publicidade, homens de consciência, na maioria modestos práticos que se contentam com a própria satisfação moral pelo dever cumprido.

E' com êsse tesouro que a Medicina redime, não os erros, que são da condição humana, mas a inconsciência, a desumanidade, a desonestidade, os abusos, que tantas vêzes lamentavelmente se acobertam sob as vestes respeitáveis do médico.

E' felizmente com o nobre exemplo e as sábias lições do seu corpo docente, que a Faculdade de Medicina de Porto Alegre tem formado no seu meio-século de existência perto de dois mil profissionais que vêm derramando pelo nosso Rio Grande, e até transbordando além dos seus limites, os sãos princípios de uma profissão que exige dos seus membros uma conduta irrepreensível e o culto permanente de alguns dos mais elevados ideais da nossa espécie.

São numerosos já os representantes do levantado teor em que se vem desenvolvendo as atividades da nossa escola. Dentre o grande número de notáveis mestres que a têm enobrecido, entre os quais conto muitos bons amigos, só citarei um morto. Annes Dias, cujo nome já é de fama mundial. E como gostaria de mencionar os de tantos que recolhidos à modéstia do exercício profissional, souberam exaltar e abençoar, não somente os próprios nomes, mas o nobre ofício que prestigiaram. Dêstes também só citarei um morto, Alice Macfer, a primeira mulher que aí se formou, na primeira turma dos doutorandos que confirmaram a maturidade da nova escola. Aluna estudiosa, tendo escrito uma tese original que repercutiu além do âmbito do Estado, viveu pouco, mantendo no curto prazo da sua modesta atividade profissional as qualidades que tanto a tinham distinguido durante o curso acadêmico.

Encerrando com esta homenagem aos mestres e aos discípulos da nossa querida Faculdade, as minhas saudações ao cinquentenário da sua fundação, faço os mais ardentes votos para que se destaque cada vez mais o seu brilhante papel na constelação dos estabelecimentos que estão edificando e engrandecendo a admirável e tão promissora cultura rio-grandense.

Ass. Olinto de Oliveira

Palavras pronunciadas pelo Vereador Dr. Tasso Vieira de Faria, em nome da Câmara Municipal de Pôrto Alegre

Deseja o Poder Legislativo Municipal trazer sua palavra gratulatória na feliz efeméride que assinala o 50.^o aniversário de fundação desta valorosa e honrada Faculdade.

Não poderia a Câmara dos Vereadores, como órgão de projeção pública e social, deixar passar tão significativa ocorrência, sem associar-se, de maneira oficial, aos festejos gerais, que não só vivem na alegria coletiva, mas, fundamentalmente, no espírito e nos corações de cada um de nós.

Assim fundamente convosco integralizado, o Poder Legislativo Municipal, numa transposição espiritual, rememorativa dos tempos já andados e vividos por esta nobre Faculdade, através de seus profissionais ilustres, inesquecíveis, acompanha o desfile daqueles que com seu saber, sua cultura, sua experiência e sua atividade, ajudaram a construir este cenáculo hipocrático, mantendo-o, permeio tóda sorte de dificuldades e avatares, numa posição de proeminência e destaque iniludíveis, perante a realidade cultural e científica do País.

Das fileiras benditas desta Casa de Ciência, durante cinqüenta anos, têm egressado, ininterruptamente, legiões de apóstolos do Bem e da Caridade, para maior orgulho de seus concidadãos e maior benefício da humanidade.

A legião luzidia de profissionais que esta Faculdade soube formar, durante êste meio-século de sua fecunda existência, distribuída em todos quadrantes de nosso amado Estado, pela projeção nacional e estrangeira de seu saber, em muito tem dignificado os Mestres inolvidáveis que a plasmou.

Estribada nos pilares imortais da ciência e da arte médica que HIPÓCRATES fundou e a posteridade exalçou, a Faculdade de Medi-

cina de Pôrto Alegre cresceu e se agigantou no conceito e no valor de seus homens.

Professôres ilustres nesta Casa deixaram o traço indelével de sua passagem luminosa. Alunos de ontem, profissionais de hoje, mestres de amanhã, todos êles amam esta Casa, porque nela reconhecem haver recebido os conhecimentos básicos da sublime arte de curar.

Como filhos queridos, eternamente agradecidos pelo bem recebido, todos que por aqui passaram ou que ainda têm a ventura suprema de viver, olham para sua Faculdade, com amor extremado e dedicação profunda.

Os Mestres que ora militam nas diversas cátedras, honrados e fiéis continuadores de seus mui nobres antepassados, continuam na mesma senda por êstes traçada, no sentido superior do maior progresso e da mais franca valorização.

Dedicados ao ensino, integralizados em sua obra de permanente construtividade, posam êles, como tão bem ainda na sessão magna de ontem expressou nosso eminente prof. HOUSSAY, plasmar os caracteres de nossa juventude, dentro de um critério elevado e justo.

O Poder Legislativo Municipal em boa hora vem reconhecendo a alta expressão do médico, como fator evidente da coletividade, situando-o naquele justo e merecido lugar que êle deve ter, dentro da organização social.

Que esta Faculdade cresça e prospere; que forme profissionais idôneos e capazes; que continue ajustando o caráter de nossa juventude; que faça, como até aqui o tem efetivado, grandes, bons e competentes Mestres; que sua Direção suprema cada vez melhor seus atos administrativos! São os sinceros e profundos votos da Câmara Municipal de Pôrto Alegre.

*Discurso pronunciado pelo sr. Arquimedes Fortini,
provedor da Santa Casa de Misericórdia*

Em breves períodos, trago nesta saudação, a palavra gratulatória da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Pôrto Alegre, pela auspiciosa comemoração, que perpetua, no instante feliz, que estamos vivendo, o cinquentenário desta Faculdade.

Dizendo em nome da Santa Casa, para a Faculdade de Medicina, digo-o do Templo da Caridade ao Templo da Ciência.

Caridade e Ciência — irmanação superlativa, que dignificam e valorizam a conduta humana, infundindo-lhe o verdadeiro sentido de sua ação em abono das coletividades.

Presto aqui minha mais profunda homenagem aos espíritos cintilantes, aos profissionais abnegados e altruístas, que êste Templo da Ciência houve por bem formar, e que por longas, exaustivas e intermináveis horas, contribuíram com suas energias, saberes e desprendimento cristão, atendendo, curando ou recuperando, àqueles pobres enfermos, deserdados da fortuna, que há 122 anos, num total de quase 200 mil, passaram pelo Templo da Caridade.

Volto meu pensamento, cheio de reconhecimento e gratidão, em primeiro lugar, para os mortos saudosos, em tão elevado número, que, com suas mãos benfazejas e seu saber profissional, tantas e quantas vidas souberam preservar, num meritório e justíssimo preito.

O desfile daqueles médicos saudosos, perante a imaginação retrospectiva dêste momento solene, cresce em valia, aumenta em sentires profundos, quando, vendo e sentindo-os assim a todos êles, na profundidade de minh'alma, não posso também tê-los nesta augusta reunião, em pleno uso de suas utilíssimas vidas, ao lado de vós outros.

Mas, se é inconteste a imortalidade da alma, se em algum lugar do Além Eterno, per-

maneçam redivivas as centelhas espirituais dêstes médicos, certo, neste instante supremo, de tamanha comunhão, êles estarão com suas energias anímicas, voltados integralmente para esta reunião, recebendo como vós outros, os sentires mais profundos e sinceros, que lhes estou tributando. Possam, aquêles beneméritos da humanidade, continuar merecendo, na eternidade, a serena e expressiva coroa de louros, certamente, tão bem resgatada pelo sofrimento e os sacrifícios vividos entre nós.

Em segundo lugar, à tôda ilustre e culta classe médica, oriunda dêste Templo de Ciência, que continua, em nossos dias, o esforço secular de tão nobres antepassados, desejo — como em tantas outras ocasiões o tenha feito — mais uma vez, testemunhar, públicamente, meus mais elevados sentimentos de gratidão e de fé.

Êste Templo de Ciência, através de tôdas as épocas, sempre cooperou na obra caritativa e benemérita da Santa Casa, de maneira espontânea e superior. Nunca as portas da Santa Casa fecharam-se aos alunos, profissionais e mestres dêste Templo, os quais, por outro lado, sempre apoiaram e auxiliaram as iniciativas e os trabalhos da Santa Casa. Meus senhores. Possa êste magnífico exemplo de perfeita compreensão e total correspondência, continuar cada vez mais intenso e permanente.

Que a Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre, na pessoa de seu ilustre Diretor, no espelho honrado e culto de seu Corpo Docente e no idealismo de seus alunos, continue na senda sempiterna e construtiva do progresso que nunca cessa, da cultura que eleva as criaturas, de fé que alimenta as energias, da consciência profissional que dignifica os cidadãos, da arte e da ciência médica criada para o maior bem da humanidade!